



CONTOS DO FIOM

VANESSA PINTO



CN
GOV
SECRETAR



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

CONTOS DO FIM

Vanessa Pinto Rodrigues Farias

Fortaleza - Ceará
2023

Capa
Idea Comunicação

Revisão Textual
Magalli Germano Sampaio

Projeto Gráfico e Diagramação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F224c Farias, Vanessa Pinto Rodrigues
Contos do fim / Vanessa Pinto Rodrigues Farias. - Fortaleza:
SEDUC, 2023.

76p.

ISBN 978-85-8171-280-2

ISBN 978-65-89549-99-4 (E-book)

1. Literatura. 2. Contos. I. Farias, Vanessa Pinto Rodrigues. II.
Título.

CDD 869.93



Elmano de Freitas da Costa
Governador

Jade Afonso Romero
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira
Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Helder Nogueira Andrade
Secretário Executivo de Equidade, Direitos Humanos e Educação Complementar
e Protagonismo Estudantil

Maria Jucineide da Costa Fernandes
Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

Maria Oderlânia Torquato Leite
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Stella Cavalcante
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Julianna da Silva Sampaio
Coordenadora de Comunicação

Marta Emilia Silva Vieira
Danielle Taumaturgo Dias Soares
Keifer Fortunatti
Assessoras Especiais do Gabinete

Ideigiane Tercerito Nobre
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Maria da Conceição Alexandre Souza
Articuladora de Gestão

Dóris Sandra Silva Leão
Orientadora da Célula de Gestão Pedagógica e Desenvolvimento Curricular – CEGED

Francisco Clerto Alves da Silva
Orientador da Célula da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Noturno – CEJEN

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais
Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio - COGEM

Conselho Editorial

Adriana Schneider Muller Konzen	Izabelle de Vasconcelos Costa
Ana Gardennya Linard Sório Oliveira	Jacqueline Rodrigues Moraes
Ana Joza de Lima	José Romário Rodrigues Bastos
Antônia Varele Gama Silva	Katiany do Vale Abreu
Antonio Helonis Borges Brandão	Lindalva Costa Cruz
Arnaldo Dias Ferreira	Marco Aurélio Jarreta Merichelli
Augusto Ridson de Araújo Miranda	Marcos Felipe Vicente
Betânia Maria Gomes Raquel	Maria de Fátima Xavier
Cintia Ferreira de Andrade	Mayara Tâmea Santos Soares
Cintya Kelly Barroso Oliveira	Newton Malveira Freire
Elaine Holanda Maciel	Paula de Carvalho Ferreira
Fernanda Maria Diniz da Silva	Paulo Venício Braga de Paula
Francisca Aparecida Prado Pinto	Renata Priscila Conceição da Costa
Francisca Juliana Feitosa Soares	Roberta Eliane Gadelha Aleixo
Francisco de Assis Sales e Costa Junior	Ronaldo Glauber Maia de Oliveira
Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro	Rosendo Freitas de Amorim
Gezenira Rodrigues da Silva	Tamara da Cunha Gonçalves
Helayne Mikaele Silva Lima	Vagna Brito de Lima
Herman Wagner de Freitas Regis	Yure Pereira de Abreu

Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Normalização Bibliográfica

Elizabete de Oliveira da Silva

POLÍTICA EDUCACIONAL E PRODUÇÃO TEXTUAL

A sociedade brasileira precisa reconhecer efetivamente a relevância da Educação. Um aspecto central desse reconhecimento reside em valorizar o Magistério e o professor. A valorização do magistério pode expressar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi instituída uma política pública de estado denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. A consolidação dessa proposta que investe no protagonismo docente gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um criterioso processo de seleção.

A decisão da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em organizar e publicar artigos que são recortes de dissertação e tese de professores da rede estadual de ensino, está baseada no programa Ceara Educa Mais, através da ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valor. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará tem feito história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc tem promovido um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos têm se manifestado na consolidação do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem com mais qualidade e compromisso.

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação do Ceará

Jucineide Fernandes
Secretária Executiva do Ensino Médio e da Educação Profissional

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar a/o professora/or. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pela/o professora/or.

Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação ocorre com a edição da Lei nº 17.572/2021, de 22 de julho de 2021, que estabelece o Programa “Ceará Educa Mais” e que, no Art. 2º, Inciso II, trata da ação Professor Aprendiz. Este programa aposta no protagonismo docente gerando desdobramentos substanciais, dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores(as) da rede que ocorreu nos anos de 2017, 2018 e 2019. Deve ser ressaltado que os trabalhos acadêmicos, literários e temáticos selecionados para publicação passam por um rigoroso processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc) em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) a publicação de suas experiências e reflexões; b) a formação e o desenvolvimento contínuo de outros professores; c) na publicização de obras acadêmicas e literárias dos professores, em formato impresso, bem como de livros temáticos, em formato digital.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado), Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto) e Livros Temáticos Digitais que contemplem temas transversais e/ou associados às áreas de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagem e suas tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias).

São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz história com essa iniciativa. Ao publicar as produções de seus(suas) professores(as), a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim
Prof. Ms. Paulo Venício Braga de Paula

PRÓLOGO

Rubem Alves, sobre os olhos, as palavras e o mundo, assim reflete: “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”. Dada a luz poética com que esse grande educador costumava iluminar seus pensamentos em forma de discurso, dificilmente os sentidos possíveis para esses três signos se esgotam. Os olhos podem ser muito mais do que as córneas, as palavras podem ir muito além dos verbetes e podemos conhecer vários mundos, como o mundo das/os educadoras/es.

Nesse mundo, os olhos representam toda a sensibilidade do indivíduo que educa. A/o educadora/or vê não só com os olhos, mas também com os ouvidos e com o tato. Tudo, ao seu redor, é palavra: críticas e elogios, respostas “certas” e “erradas”, perguntas e silêncios, abraços e distâncias, sorrisos e lágrimas. Entretanto, como educadoras/es, nem sempre nos damos conta de respirar tantos significados nessa semiosfera que é a escola e podemos, muitas vezes, ignorá-los. E assim, perdemos a oportunidade de melhorar nossos olhos.

Esta publicação traz valorosas contribuições de educadoras e educadores que aproveitam essa oportunidade e, agora, também nos oportunizam uma melhora do nosso modo de ver a educação. As produções aqui apresentadas trazem a perspectiva de quem aprimorou um olhar pedagógico que, agora, transforma em palavra.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), por meio da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio, espera que as palavras das/os nossas/os educadoras/es, aqui eternizadas, possam alcançar (e melhorar) os mais diversos olhares. Que esses olhares possam germinar em produções futuras que contribuirão, cada vez mais, com o nosso modo de compreender e de agir neste mundo tão desafiador, que é o da educação.

Ideigiane Terceiro Nobre

Coordenadora da Gestão Pedagógica do Ensino Médio/COGEM

Ana Cecília Freitas

Assistente Educacional /COGEM

Às minhas mães.

SUMÁRIO

Prefácio	13
Apenas dois tiros nas costas	17
Missa de domingo	21
Missão cumprida	27
Do lado de fora	31
Hora do almoço	35
Jantar em família	39
Coração de criança	43
Tarde demais	47
Um pensamento sobre a vida	51
Salário mínimo	55
Conto do fim	71



Prefácio

Os contos aqui reunidos foram escritos em diferentes fases da minha vida. Amante da leitura e da escrita desde a infância, assim que fui apresentada ao gênero, comecei a escrever a partir de inspirações e motivações diversas, sejam fatos reais, sonhos ou reflexões sobre algum tema.

O conto “Do lado de fora” foi escrito por uma adolescente que sempre que chegava depois do horário estipulado pela mãe, era deixada do lado de fora da casa. Enquanto a mãe me dava uma lição, eu enfrentava vários medos naquela área da casa que dava acesso à rua, ficava abaixada para que ninguém soubesse que eu estava ali, e ao ouvir passos e conversas das pessoas que seguiam seu caminho, minha imaginação voava. O conto “Apenas dois tiros nas costas” surgiu de um sonho que muito me marcou já na fase adulta, levando-me a refletir sobre as coisas que realmente importam na vida. E, assim, cada conto que aqui apresento tem uma motivação e significa muito para mim.

Quando vi o edital da SEDUC- CE para a publicação de obras literárias, decidi tornar público alguns desses contos guardados. Escolhi, então, esses onze contos, porque percebi um elo em comum entre eles, que é o fim. Seja o fim da vida, de uma relação ou de uma situação extrema, identifiquei que essas questões sempre vinham à tona em minha escrita. O fim, aqui, é abordado sob várias perspectivas, com pitadas de sarcasmo, ironia e crítica social.

Por fim, para que não fiquem somente guardados na gaveta e em minhas memórias, trago a público os contos que compõem essa coletânea. Desejo que cumpram agora novas funções de deleitar, inspirar e gerar reflexões sobre temas diversos que carecem de discussão. O livro pode ser adotado

por escolas para trabalhar com adolescentes e jovens sobre temáticas como redes sociais, família e educação dos filhos, hipocrisia, ganância, velhice e abandono, violência urbana, desigualdade social, saúde física e mental, vida e morte, mas não fica restrito somente a esse público, uma vez que, embora, por vezes, pesados, aborda de forma leve temas tão caros de reflexão à sociedade contemporânea. Caras(os) leitoras(es), com muita alegria, vos apresento minha primeira produção literária Contos do fim.

Vanessa Pinto Rodrigues Farias



Apenas dois tiros nas costas



Depois de tomar dois tiros nas costas, Fernando foi trabalhar, pois tinha coisas inadiáveis para resolver. Sabia que cada segundo é precioso para quem administra um negócio. Já havia perdido tempo demais com aquele assalto, que, bravamente, reagiu defendendo o seu carro. Nada poderia interromper aquele trabalho que vinha desenvolvendo há anos.

Quando chegou ao trabalho, agiu naturalmente, porém todos perceberam que ele não estava nada bem.

- O que o senhor tem?

- Nada. Apenas levei dois tiros nas costas, mas quando sair daqui, eu resolvo isso.

Fernando trabalhou normalmente naquele dia. Fez reuniões, foi ao banco, assinou papéis, atendeu telefonemas. As dores que sentia não lhe impediam de fazer nada. Ao final do dia, estava mais branco que as paredes de sua empresa. Mas, ao sair dali, tinha outra reunião para enfrentar.

Chegou à reunião quase se arrastando. As pessoas queriam lhe socorrer.

- Eu estou bem, não se preocupem comigo. Só levei dois tiros nas costas. Depois eu resolvo isso.

Terminada a reunião, sentiu seu coração quase parar. Então, resolveu ir ao hospital e contar o que havia acontecido.

Chegando ao hospital, dirigiu-se à triagem.

- Eu le-vei...do-is ti-ros nas costas.

Dito isto, caiu cadáver no chão. Não havia nada a mais que pudesse ser feito.



Missa de domingo



Domingo, dia do Senhor. Para agradecer o dom da vida e professar minha fé, vou à missa.

Chego à igreja sempre uns trinta minutos antes para refletir um pouco. Essa reflexão nem sempre é possível devido aos ruídos de conversas das outras pessoas que também chegam um pouco mais cedo. Tento abstrair e quando menos espero, o coral começa a ensaiar as músicas da missa. A tentativa de me concentrar é em vão, mas o importante é estar na casa do Senhor e celebrar o Santo Sacrifício da Missa.

A comentarista anuncia que já vai começar e que a assembleia fique em pé para acolher o celebrante e os ministros extraordinários da Eucaristia, cantando. Esse momento é bem difícil para mim, porque não sei cantar, sou forçado a ouvir outras pessoas que também não sabem, bem no meu ouvido e, além disso, as palmas da assembleia nunca, nunca estão em harmonia.

O momento do ato penitencial é um dos momentos mais fortes da missa. Com o coração contrito, arrependidos, pedimos perdão a Deus pelos nossos pecados. De olhos fechados e com a mão no coração, ouvimos a canção que nos leva a refletir e pedir perdão. Nesse momento, muitas pessoas se arrependem mesmo, embora muitas nem saibam o que estão fazendo. Outras, eu não entendo como é que têm a coragem de frequentar a igreja. Mas, enfim, a casa do Senhor é para todos: para a Lúcia, que deixou o marido com quem vivia há dez anos, para o Antônio, velho da minha rua que passa a semana jogando baralho na

calçada, para o Djavan que canta no coral, mas todo mundo sabe que namora homens, para a Keylinha, que está grávida de um filho sem pai, e para todos esses pais de hoje que não sabem educar seus filhos.

No hino de louvor unimos nosso canto aos anjos do céu para engrandecer ao Senhor por tudo que ele é e por todas as maravilhas que realiza. Porém, esse momento também é aquele em que algumas pessoas aproveitam para dar aquela olhada geral para ver quem veio à missa, já que muitas pessoas estão de olhos fechados. Inclusive, noto a ausência de muitas pessoas hoje. Deve ser por causa do jogo. Não entendo como alguém tem coragem de trocar a Santa Missa por um monte de homens correndo atrás de uma bola. Ainda bem que estou aqui fazendo a minha parte.

Chega o momento do evangelho e da homilia. Algumas pessoas esperam impacientes que o padre termine a leitura, outras viajam em seus pensamentos e outros prestam atenção, assim como eu, apesar de eu não lembrar, no momento, o que acabou de ser lido.

Na homilia, o padre aproxima as palavras do evangelho à nossa realidade, exorta à assembleia para mudanças de atitudes, coisas que, na maioria das vezes, o ouvinte não toma para si, mas para os outros. Ficam desejando: “Ah! Se meu marido tivesse aqui”, “Ah! Se meu filho ouvisse isso”.

Ouvindo o padre dizer “buscai as coisas do alto” eu me lembrei de uma vizinha fofoqueira. Essa sim eu queria que

estivesse aqui para ouvir isso. A única coisa que ela sabe buscar é informações da vida das pessoas, todas possíveis. Ainda bem que ela não é adepta às redes sociais, seriam uma arma mortal em suas mãos.

Muitas pessoas se distraem quando o celebrante se estende, inclusive os coroinhas, jovens que ajudam o padre no altar, que além de conversarem na hora da celebração, trazem penteados e sapatos da moda. Parece até que estão lá mais para chamar a atenção do que para servir no altar com discrição como deveria ser.

Chega o momento do ofertório. Deus é muito bom para com seus filhos e a igreja é o lugar onde nos encontramos para celebrarmos a nossa fé. Nada mais justo que ajudarmos com as despesas da casa do Senhor e ofertar a Ele um pouco do suor do nosso trabalho. Eu sempre trago algumas moedas, pois me lembro da passagem da oferta da viúva. Jesus disse que ela doou apenas duas moedas, mas deu tudo o que tinha, por isso, a sua oferta foi mais agradável a Deus do que a dos outros que deram muito, porém deram porque estava sobrando. Da mesma forma, acho que meus cinquenta centavos valeram mais do que os dez reais que o Francisco da mercearia acabou de doar. Aposto que deu com pena.

Na missa tem também aquele momento de desejar a paz. Em tese, a paz era para ser dada somente às pessoas que estão ao nosso lado, mas alguns desentendidos percorrem a igreja de um canto a outro. As beatas aproveitam para ver todas as suas amigas, e umas até param para conversar. O

rapaz cria coragem para ir até a garota que ele está interessado. Algumas crianças correm para todos os lados, outras gritam, como se não bastasse o coral cantando desafinado.

Não saio do meu lugar, mas chegam a mim pessoas de todos os cantos para me desejar a paz. Se eu pudesse, recusaria a de certas pessoas. Como pode uma pessoa que não tem paz me dar a paz? Como sou uma pessoa educada, finjo que recebo a paz, e também finjo que dou. Espero ansioso que esse momento termine.

Eis que é chegado o momento mais sublime da missa. Pela nossa fé, esse é o momento da presença real de Cristo na Eucaristia. Formam-se filas nas laterais e no meio. Apesar de o foco central ser a distribuição da comunhão, é inevitável olhar para cada pessoa que vai passando. É um verdadeiro desfile. Muitas jovens vieram até aqui só para brilharem nesse momento. É o momento de mostrar sua roupa nova, sua sandália e seus cabelos arrumados. É o momento do marketing dos rapazes também, mas estes não se importam tanto com a roupa, mas em exibir a chave da moto ou do carro.

Depois de ver tantas personalidades do bairro passarem para comungar, chega a minha vez, afinal eu também preciso que o corpo de Cristo habite em mim. Ora, se eu vi tantas pessoas de vida errônea ir comungar, por que eu não posso? Eu venho à missa todo domingo, presto atenção, não fico conversando e não estou em pecado mortal para não poder receber a hóstia.

Termina a missa. O padre diz: “Vão em paz e que o Senhor os acompanhe”, mas bem que poderia ser: “Vão em paz e que o Senhor os alcance”, porque é incrível como muitas pessoas saem tão apressadas que nem esperam o padre terminar a bênção final. Aposto que estes vão para festas, beber e esquecer tudo o que ouviram na igreja. Ainda bem que não sou como eles, não ando em festas, só vou à igreja, e não perco uma missa de domingo.



Missão cumprida



Não consigo dormir. Parece que os remédios já não fazem efeito. Mas não importa, aproveito para recordar as coisas já vividas.

Olho-me no espelho e constato que meus cabelos brancos carregam histórias que não caberiam em um livro. As rugas escondem a moça faceira da Rua dos Amores. As mãos trêmulas substituem a ligeireza da adolescente que aprontava na escola.

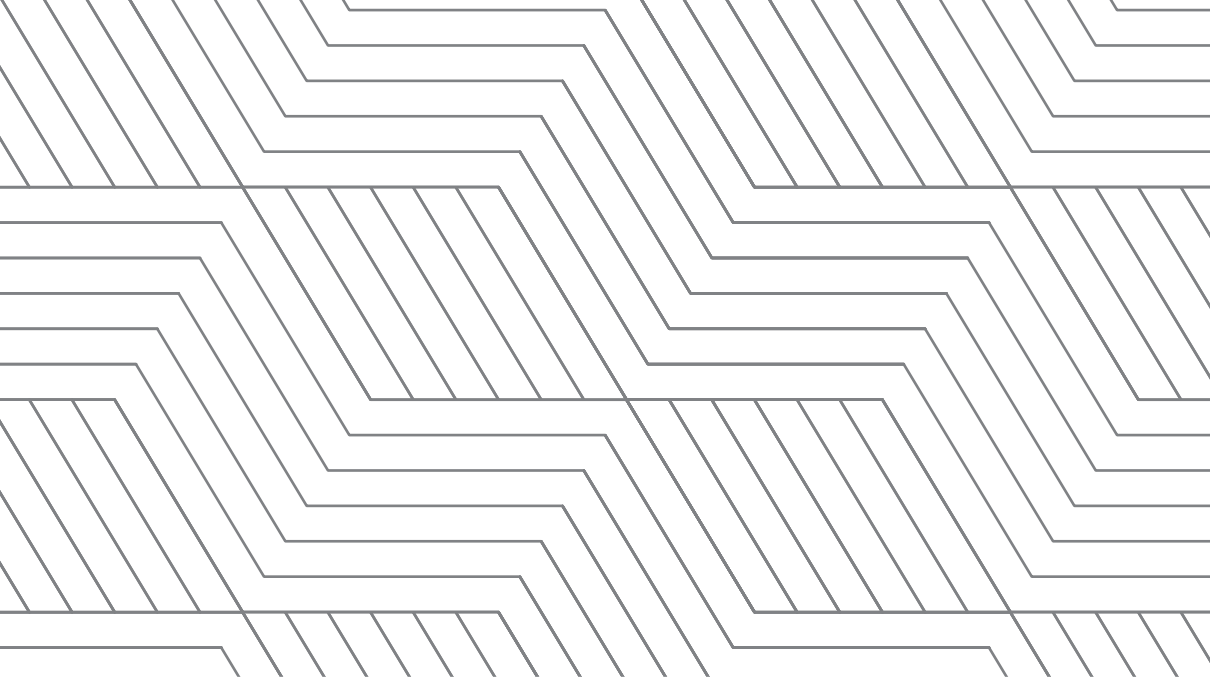
As recordações causam nostalgia da menina que brincava e da mulher que amava, mas deixa a alegria de ter chegado aonde poucos chegaram.

A insônia virou minha rotina, a doença minha companheira. Minhas pernas não têm mais a força da menina que pulava corda o dia todo. As mãos que escreviam, hoje mal conseguem segurar uma caneta. Do sorriso que encantava, não restou mais nada, e tudo em mim não é mais como era antes. Não reclamo da vida, já fui muito saudável. Envelhecer é uma dádiva, porém tem suas consequências. O desgaste das coisas é natural com o passar do tempo, não poderia ser diferente com o corpo humano. A morte também é natural. Mas não deixa de ser uma surpresa cada vez que nos visita.

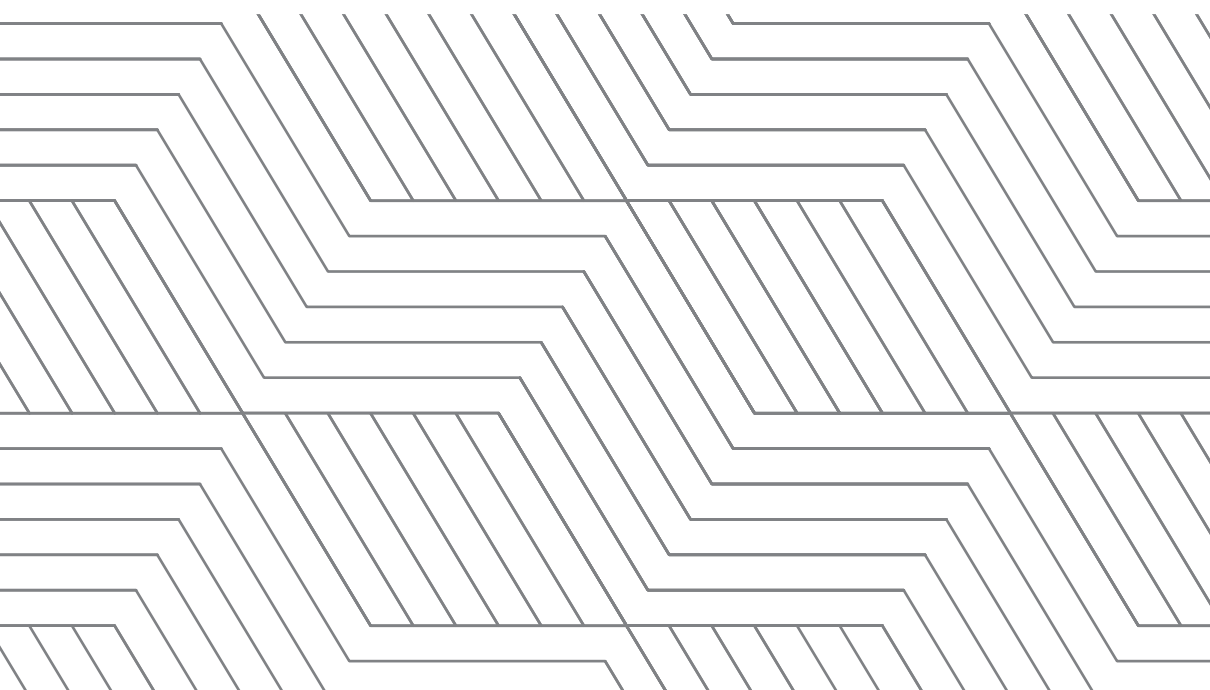
As fotos antigas me transportam a um passado aonde a coragem era a minha melhor amiga. Coragem de fugir de casa para casar. Coragem de ter onze filhos, de enfrentar a fome, o frio e ser resiliente. Coragem para ser a coluna da casa quando ele se foi. Coragem para recomeçar mesmo

em idade avançada, e conseguir educar a todos os filhos. Felizmente, agora eles estão todos encaminhados, pena que nesse caminho fui deixada para trás.

Estou com sono, e a coragem veio me visitar.



Do lado de fora



De repente, ouço passos aproximarem-se. Não sei o que me causa mais medo, a rua deserta ou os passos de pessoas se aproximando. Aumenta o frio sempre que alguém chega mais perto. Quanto mais perto chegam, consigo identificar o tipo de calçado que estão usando e até saber se estão andando com raiva ou felizes.

O lugar onde estou não é nada confortável, e já faz tantas horas que eu estou aqui, que já é madrugada, e tenho medo das pessoas que andam nas ruas a essas horas. Por isso, qualquer movimento brusco pode fazer com que me descubram aqui escondida.

Onde eu estou a noite parece mais longa. Se eu estivesse me divertindo, essa noite já teria passado. Aqui fora ela não é tão bonita como nas festas, cercada de amigos.

As festas são tão maravilhosas. Músicas, luzes e amigos, uma mistura que parece a fórmula perfeita de diversão. Os pais não deveriam proibir seus filhos de irem às festas, se realmente querem a sua felicidade. Os que deixam, não deveriam estipular horário de chegada, porque sempre o horário que estabelecem é bem antes do melhor da festa começar de fato. Pais: entendam que a festa tem que ser curtida do início ao fim.

Porém, a noite fora das festas é muito misteriosa, e, por vezes, assustadora. Nesse momento, por exemplo, experimento o extremo do medo que ela pode causar. Estou só, sinto-me desprotegida. Não acreditei que ela tivesse coragem de cumprir o que prometeu. “Se chegar

aqui mais de meia noite, vai dormir do lado de fora!”. Precisa de muita coragem para deixar sua filha única desprotegida no meio da noite, correndo vários riscos urbanos. E não é que ela é corajosa.

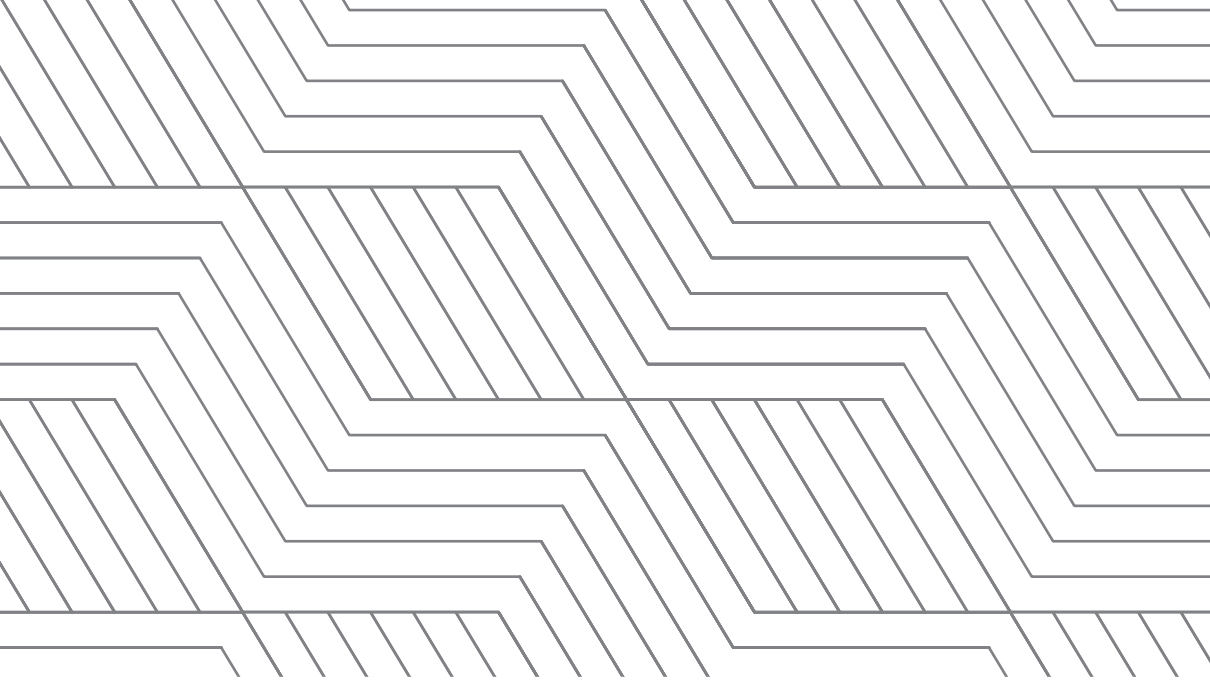
Sinto falta da minha cama, tão quentinha e espaçosa. Que sono! Mas como dormir nesse frio e nesse cubículo de área? Quando pensei em dar um cochilo, surge uma pessoa para tirar a minha paz.

De repente, seus passos chamaram a minha atenção. Eram diferentes, não consegui distinguir se estavam com raiva ou alegres. Não seguiam o mesmo compasso, como os das outras pessoas, e tinham paradas e recomeços. Quem anda assim, parando e recomeçando, no meio da noite? Preciso me levantar de onde estou e ver que ser é esse. Mas, se eu me levantar posso ser vista, e se esses passos forem de bandido ou de um monstro, estarei bem ferrada. Porém, eu vou mostrar que sou filha de quem sou e também tenho coragem. Vou me levantar e ver o que é. Se eu escapar dessa viva, prometo não ir mais às festas. Não...menos...prometo chegar no horário que a mãe pedir.

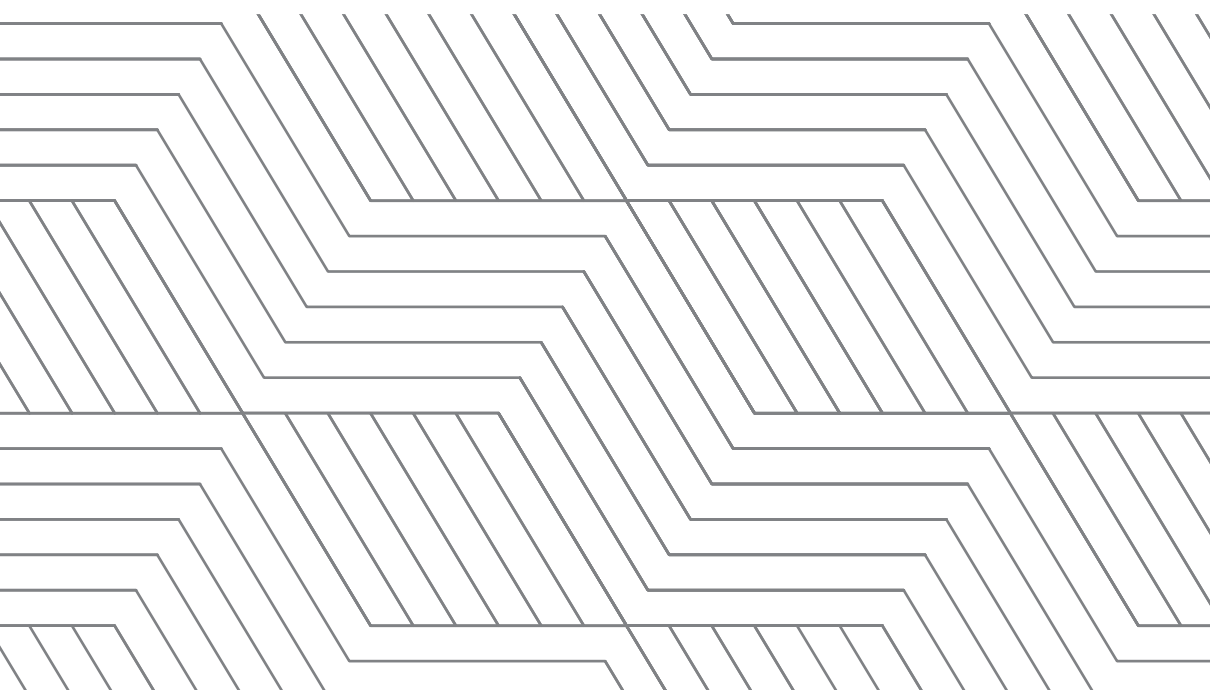
- Um bêbado!

Os passos eram de um bêbado que tentava chegar a sua casa, mas caía e levantava no meio do caminho. E, eu com esse medo todo pensando que era uma pessoa má... Penso que os bêbados são pessoas ou muitos tristes que bebem para esquecer as coisas que lhes fazem mal, ou muito felizes, que são os bêbados de ocasião, que se embriagam,

em eventos específicos para comemorar coisas boas. Longe de mim dizer isso para minha mãe, que acaba de abrir a porta dizendo palavras indignas de registro. Ela está indignada, mas não é uma pessoa má. No final das contas, talvez eu seja a pessoa má que não consegue obedecer à mãe e não faz nada que presta aos seus dezesseis anos. Imagine daqui para frente.



Hora do almoço



- Meu filho era um menino bom.
- Seu filho usava algum tipo de droga?
- Não. Meu filho não devia nada a ninguém. Era de casa para a escola, da escola para casa.
- Por que a senhora acha que fizeram isso com ele?
- Confundiram ele com outra pessoa.
- As pessoas disseram que ele roubava celular na redondeza.
- Isso tudo é mentira. As pessoas têm inveja, porque ele, mesmo sendo pobre, tinha tudo.
- Ele trabalhava?
- Não, mas ganhava as coisas dos amigos. Meu filho era inocente. Quero justiça, chega de violência nessa cidade. Eu quero meu filho de volta!

A mãe, aos prantos, se joga sobre o corpo do filho, estendido ao chão.

- Como você, telespectador, pode ver, a mãe é sempre a última a saber. O jovem Natanael, de 17 anos, mais conhecido como “mão leve”, foi morto na noite de ontem. Suspeita-se que o motivo foi dívida de droga. O menor também praticava assalto de celulares na redondeza.

Não sei por que ainda insisto em almoçar assistindo televisão.

Triste essa realidade. Os jovens entram no mundo das drogas e do crime e perdem suas vidas cada vez mais cedo. Todo dia essas notícias de assassinatos e roubos. Todo dia eu almoço assistindo isso. Haja estômago.



Jantar em família



Chegar ao lado de fora foi um choque muito grande para mim. Antes eu ouvia só as vozes das pessoas e não tinha medo, me sentia protegida e sempre que queria alguma coisa, minha mãe me atendia.

Minha família é composta pelo Pai, pela Mãe, pelo Irmão, e pela Babá, que é como se fosse da família, como diz a Mãe.

Logo quando cheguei, eu era o centro das atenções. A Mãe sempre ficava comigo, mas depois veio a Babá substituir a Mãe e o andador para substituir os seus braços.

Outro dia, o Pai parou diante de mim para fazer uma gracinha. Pensei que essa seria a minha chance de acabar com aquilo que nos separava. Usei toda a minha força e joguei o aparelho o mais longe que pude e dei uma gargalhada vitoriosa. Imediatamente, ele disparou uma variedade de palavras que eu ainda não conhecia, e de um jeito que me assustou e me fez liberar água dos olhos.

Tenho que pensar num jeito de destruir meu rival. É difícil disputar a atenção da minha família. Que novo entretenimento eu poderia oferecer, além de jogar objetos, fazer sons com a boca e liberar água dos olhos quando estou chateada?

Minha mãe também é adepta desse aparelho. Além desse que ela usa a todo o momento, ainda tenho que concorrer com um pequeno que ela coloca no ouvido e se põe a falar sozinha, e tem também um maior que ela usa em cima da mesa, mas não fala nada, só bate os dedos sem parar. Ela

fica tão ocupada usando esses objetos que às vezes nem tem tempo para brincar comigo.

A Babá cuida bem de mim, mas não conversa muito comigo. Passa o dia com um tapa orelhas, fica cantando e dançando enquanto organiza a minha bagunça.

O Pai e a Mãe chegam à noite. Logo, em seguida, a Babá se vai, não sem antes me deixar posicionada e banhada na minha cadeirinha para o jantar.

Após insistências da Mãe, o Irmão se une a nós na mesa, não sem antes trazer seu aparelho de mão também. E começa mais um jantar em família.

O silêncio reina, enquanto todos jantam, enquanto interagem nas redes sociais. Só me resta apelar para ter um pouco de atenção e vencer meu inimigo: bomba de cocô. Que fedor! Alguém aí para limpar essa sujeira?



Coração de criança



Um dia, vendo o meu filho brincar, eu aprendi uma das maiores lições da minha vida.

Eu tinha acabado de ter uma discussão boba com a sua mãe e saí com ele para brincar na praça com seus amiguinhos, enquanto passava a minha raiva.

Enquanto ele brincava com um amiguinho, eu agradecia a Deus por sua vida. Eu estava chateado com Aline, mas sempre que estou com nosso filho, relevo as suas grosserias.

Não é fácil a vida a dois. Quando me uni a ela não pensava no combo que vinha junto, aceitar sua família, juntar as dívidas, revezar entre saídas com os meus amigos e os amigos dela. Sem contar que é um duelo constante sobre quem tem razão, uma discussão desenterra todos os motivos de brigas anteriores e, conseqüentemente, cada briga se torna pior que a outra.

Tentei esquecer a raiva e fiquei a observar Diego com seu novo amigo.

Os dois meninos corriam com seus carros e viviam aquele momento como se nada mais importasse. Saltavam, gritavam, o carro, inexplicavelmente, virava avião.

Quebravam as regras das brincadeiras, em função da regra primeira que era se divertir.

De repente, vi meu filho chorar. Deixei para ver o que acontecia. O amigo deixou seu carro cair num buraco, e

Diego veio contar-me entre soluços.

- Ele jogou o meu carrinho no buraco, papai.

- Eu não vi, ele caiu sozinho.

- Eu estou de mal de você.

- Eu nem queria mesmo, respondeu o garoto. Mas não foi embora. Ambos sentaram-se ao meu lado e eu fiquei ali, apenas observando a situação.

- Eu perdoo você.

- Como assim?

- Minha mãe falou para eu sempre perdoar os meus amigos quando eles me fizerem chorar.

- E como funciona esse lance de perdão?

- A gente se abraça e volta a brincar de outra coisa.

Os dois se abraçaram, e eu não me contive de emoção. Pensei em abraçá-los também, mas quando levantei a vista, eles já estavam disputando uma corrida.

Quando chegamos a casa, encontrei Aline fazendo o jantar. Puxei-a para mim.

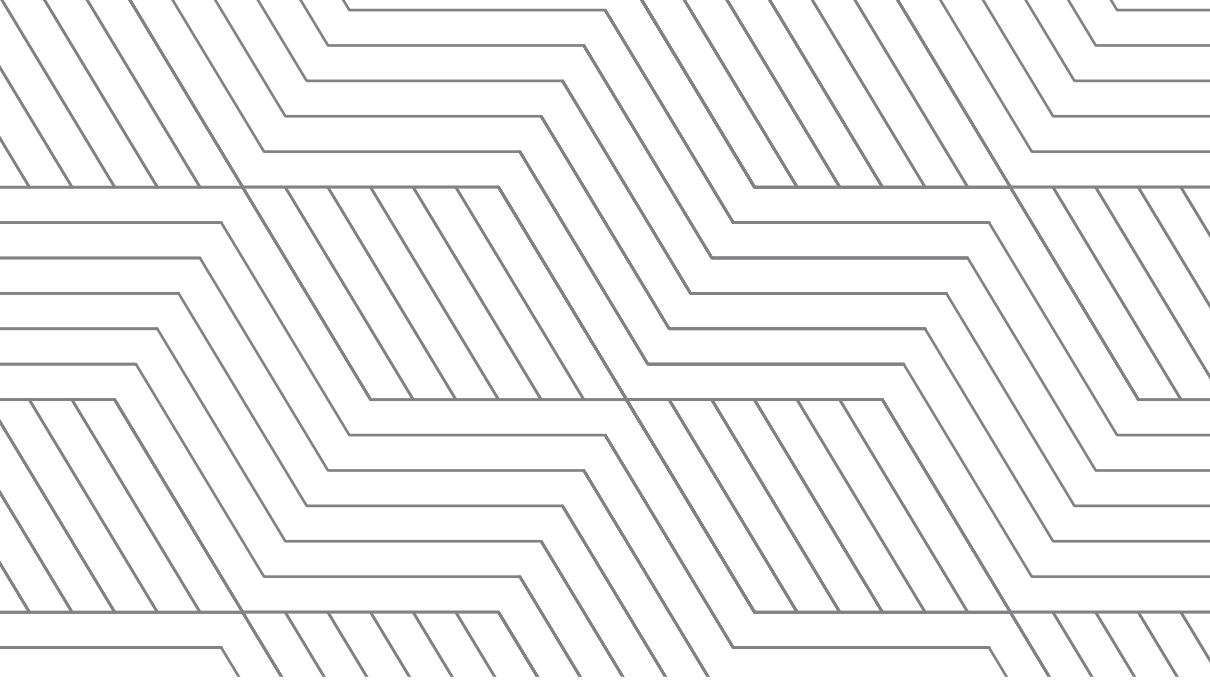
- Me perdoe.

- Como assim?

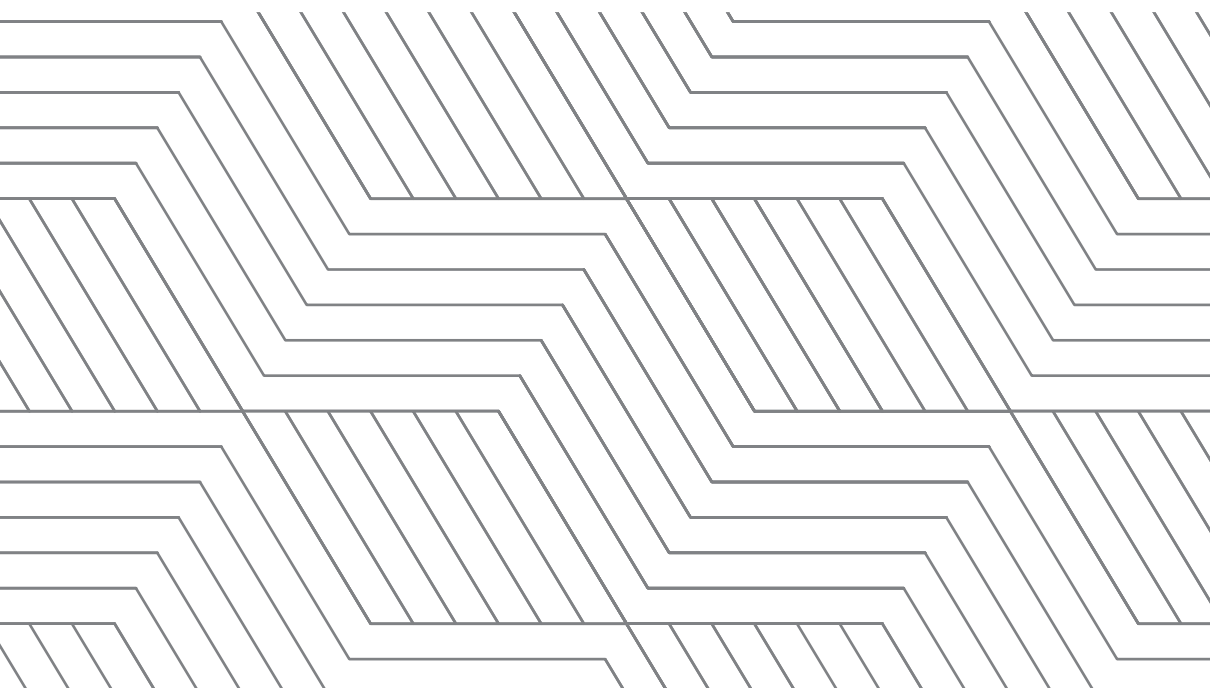
- Eu estava estressado. Você sabe que eu te amo, não é mesmo?

- Não sei como lhe perdoar, você me magoou muito.

É simples. Nós nos abraçamos e brincamos de outra coisa.



Tarde demais



Finalmente chegou a mim aquela que não faz distinção de pessoas. Vejo meu corpo estendido numa caixa de madeira. A ornamentação do ambiente é a mais cara. Só não sei se tudo isso é para mim ou para os convidados.

Interessante ver a emoção e a cara de choro dessas pessoas desconhecidas. Os amigos me prestam homenagens e dizem para os desconhecidos o quanto eu era importante. Mas nunca me disseram. Não tinham tempo, eu também não tinha. O meu trabalho era a minha vida, eu era o incansável funcionário do mês, apesar de hoje não haver ninguém de lá para me prestigiar descansando.

Toda a minha dedicação me rendeu muitos bens e isso de alguma forma me liga aos parentes aqui reunidos. Daqui a alguns dias, cada um lutará por um bem sequer meu, a fim de eternizar para sempre a minha lembrança.

Lastimável ter que dividir agora aquilo pelo qual lutei sozinho durante tanto tempo. E aproveitei tão pouco de tudo o que guardei para usufruir na minha aposentadoria. Amores: nunca tive. Por não ter ninguém a quem me apegar, me apeguei aos frutos do meu trabalho. E eles se multiplicaram cem por um depois que coloquei pitadas de desonestidades, pequenos desvios e convenientes subornos. Foi quando a vida começou a sorrir para mim.

Aos quarenta anos eu já tinha tudo o que eu queria. Podia ter qualquer mulher, qualquer automóvel, qualquer amigo, qualquer coisa. Diferente da Dona das Dores, que não aceitava nada que vinha de mim, apesar de ser uma pobre coitada.

Vê-la ao meu lado por tantas horas é tão revelador. Talvez a única emoção sincera nesse evento de despedida. Diferente do que eu pensei, há tanto amor nesse coração de mãe que me deu a uma família estranha quando eu ainda tinha dois anos. Porém, agora vejo que nunca me abandonara, de fato.

Ela esteve presente em todos os meus ritos de passagem. Como poderia ficar de fora deste?

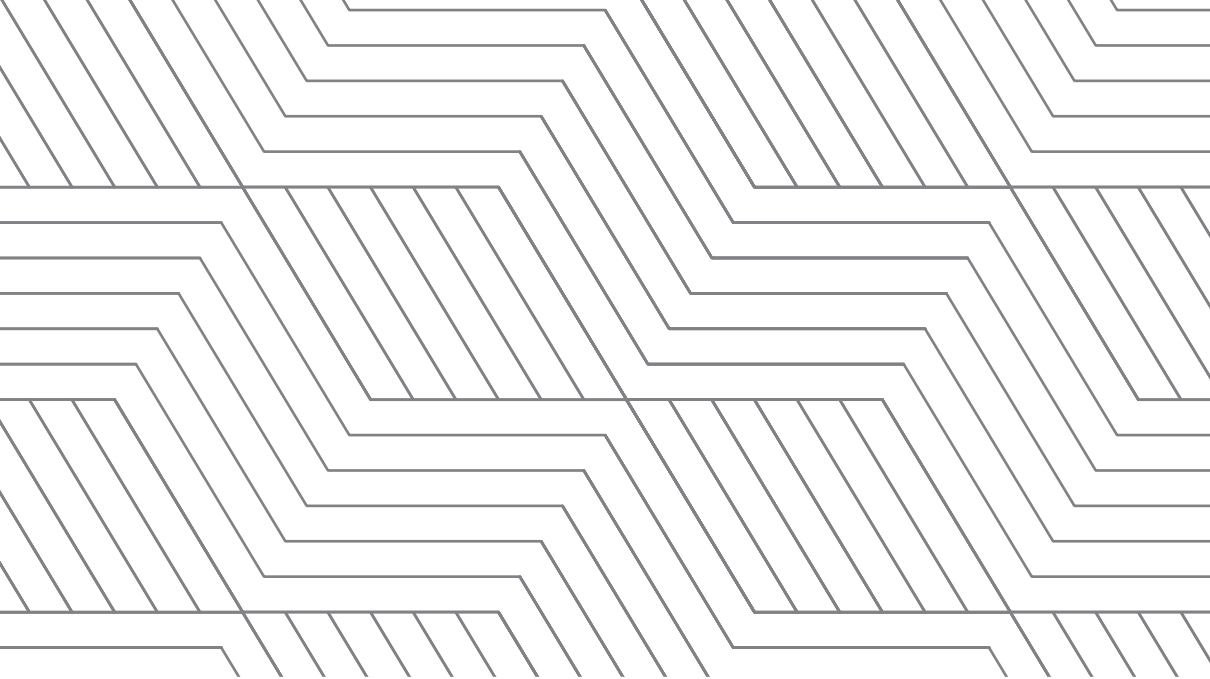
As lágrimas que agora derrama sobre meu corpo são como um clamor por mais tempo ao meu lado. Mas, o meu tempo se esgotou.

O orgulho cegou-me para as coisas simples da vida. Para mim, só importava o que eu iria ser e ter. E volto atrás sobre o que disse a respeito de meu dinheiro. Ele não me comprou tudo o que eu queria. Com ele não comprei felicidade, nem tampouco a saúde quando mais precisei.

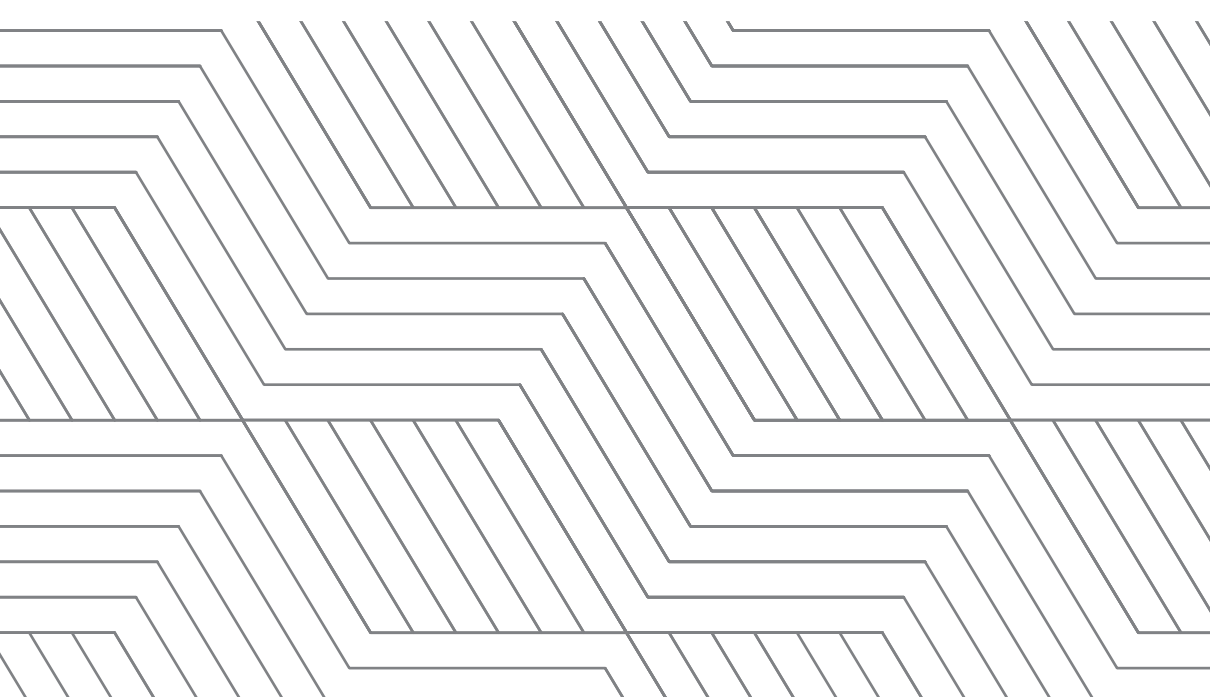
No dia em que fui surpreendido, estava eu, sozinho, na minha bela casa, quando um aperto no peito me sufocou. Tudo escureceu e não sei quanto tempo levou até eu estar diante de mim mesmo, e me achei feio, gordo, podre.

“Talvez se eu me encaixar no meu corpo eu volte a viver”, pensei primeiramente. Mas quando acessei minhas memórias, me rendi a todo o novo que está por vir.

Os meus planos foram interrompidos. Também não tive filhos, não perdoei a minha mãe, nem tampouco pude usufruir da riqueza que acumulei. Eu tinha tudo, mas hoje o que eu posso dizer é que dessa vida eu nada levei.



Um pensamento sobre a vida



Vou divulgar um pensamento. Deveis encontrar nele um sentido filosófico, porque a filosofia está em tudo, mas não apenas reflexões ou devaneios, como muitos entendem. Certo dia, uma professora me disse que filosofar era pensar o pensamento, a turma riu, mas hoje eu vejo sentido no que ela disse.

Esta manhã eu acordei pensativa, e resolvi pensar o pensamento, pensava na fragilidade da vida e como muitas vezes não nos atentamos para aproveitá-la ao seu máximo, a cada dia. É certo que muitas pessoas pensam esse aproveitar ao máximo de muitos modos.

Quando me refiro a aproveitar ao máximo, eu entendo que aproveitou ao máximo aquele que conheceu a pobreza, a fome, a injúria e tantas situações adversas que testou a sua resiliência. Aproveitou quem amou, se decepcionou, sorriu e também chorou. Quem aprendeu e quem soube ensinar com humildade, quem não teve medo de começar uma vida nova e jogar tudo para o alto, ou, simplesmente, quem não se entregou a emoções passageiras.

Tudo é tão incerto e misterioso que não temos um único caminho a seguir, o caminho que te fará feliz, para mim, pode ser o meu fim.

Por isso, acho que viver é ter coragem para trilhar o seu próprio caminho e assumir os riscos de suas escolhas. Não desistir no meio do caminho e também desistir no meio do caminho..

Uma vez eu desisti de uma coisa pela qual eu lutava tanto e não conseguia, ali eu aprendi que, às vezes, desistir é necessário, e isso me fez tão feliz, fiquei tão leve. Desistir nessa ocasião era a coisa certa a ser feita.

Um dia alguém me entregou um papel que falava de uma flor, seu nome era Dama da Noite. Lá estava escrito que essa flor só abre uma vez na sua vida, e à noite. Para mim, essa flor é como a vida. Só há uma única chance para viver. Depois de extinguida, só restarão as marcas que deixamos pelo caminho. O que fizemos no meio do caminho pode ser facilmente esquecido, ou entrar para a história, mundial, nacional, da sua cidade, ou, simplesmente, da sua família. É triste pensar em alguém que não tenha sido inesquecível pelo menos para a história de outra pessoa.

Pensando nessas coisas, pensei em mim. Procurei feitos que pudessem ter sido significativos e não achei muita coisa. Não descobri nada novo para a humanidade, não li todos os livros que queria. Troquei amigos antigos por novos, que logo em seguida, também me trocaram, e tudo bem. A fome até que eu experimentei, mas não pedi ajuda a ninguém, o orgulho falou mais alto.

Segui meu caminho sempre sozinho, sem parar um momento para agradecer a quem me deu a mão. Senti dó dos cães de rua, mas nunca adotei um sequer. Talvez eu tenha perdido a chance de ter um amigo fiel. Não dividi o guarda-chuva com quem se molhava, tenho 10k, mas não sei como se chama meu vizinho. Vou sempre à igreja, mas isso não me torna uma pessoa melhor.

Ainda bem que hoje acordei com esse pensamento, pois nunca é tarde para mudar o rumo. Talvez seja necessário desistir novamente. Agora das pequenas coisas que eu deixei de fazer, que não me tornava uma pessoa má, mas uma pessoa que não seria lembrada por nada de interessante que tenha feito, nem por ninguém.



Salário mínimo

Um prefeito estava satisfeito com o aumento do salário mínimo aprovado pelo Governo. Restava saber a opinião do povo. Decidiu, então, fazer um comício para anunciar o aumento. Pediu que estivessem presentes diversas categorias trabalhistas e que, na oportunidade, ele fosse entrevistado por um trabalhador ao invés de um repórter. Escolheram entre o povo um padeiro, um açougueiro, uma costureira, uma operadora de telemarketing, um professor, um vigia e uma aposentada. Porém, apenas um seria escolhido para entrevistá-lo.

Chegou a hora do comício. Uma banda de música foi contratada para animar o povo antes do pronunciamento do representante da cidade.

Terminada a parte musical, foi feito o sorteio. O escolhido foi seu Antônio, o açougueiro.

- Hoje é meu dia de sorte. Não irei responder nenhuma pergunta difícil, subestimou o prefeito.

O prefeito faz o pronunciamento e conclui dizendo:

- A meu ver, o aumento do salário mínimo para setecentos reais dignifica o trabalhador. Há muito tempo que lutávamos por isso e, finalmente, conseguimos um salário justo.

- Mas, prefeito, me diga uma coisa, com sinceridade, o senhor conseguiria viver com dignidade por um mês com esse salário mínimo?

- Se eu fosse um trabalhador comum, sim. Cada um deve ganhar o compatível com suas funções. É claro que um representante do povo não pode ganhar apenas um salário mínimo, devido ao enorme trabalho que exerce. Mas, se eu fosse um trabalhador comum, com certeza, teria uma vida folgada com o nosso salário mínimo atual.

- Então, o senhor acha que um político trabalha mais que um açougueiro que nem eu?

- Meu querido...entendo que seu trabalho tem suas dificuldades, como todo trabalho, mas acredite...você não gostaria de estar no meu lugar. Eu não escolhi a política, a política me escolheu.

- Então, se o senhor tivesse a oportunidade de escolher entre ser político ou açougueiro, com certeza teria dito...

- Eu quero ser açougueiro.

Nesse momento, o prefeito olhou para o céu e viu uma estrela cadente. Sua última resposta soou como um pedido, no presente, pedido este, que foi realizado imediatamente. O prefeito ainda olhava para o céu quando terminou sua resposta.

- ...porque ser açougueiro é uma belíssima profissão. Eu adoro gado, inclusive tenho algumas cabeças na minha fazenda e...

Se assusta ao olhar para si e ver que estava no corpo do

açougueiro. Avança contra Antônio, que agora estava no seu corpo.

A equipe de segurança do prefeito, vendo que o açougueiro estava transtornado e avançara contra o patrão, retiraram-lhe do palco segurando-o pelos braços. A banda volta a tocar.

Disfarçadamente, um dos seguranças pergunta a seu chefe o que fazer com aquele audacioso carnicheiro.

- Dê apenas uma lição nele, respondeu o falso prefeito- Mas antes quero falar com ele em particular.

- O que você fez comigo, seu feiticeiro!?

- Eu não fiz nada. Acho que o senhor desejou ser açougueiro, lembra?

- Era só uma suposição.

- Diga isso às estrelas.

- Quanto você quer?

- Eu queria só seu salário e agora estou aqui em seu corpo, com sua vida. Para que coisa melhor?

- Como desfazer essa troca?

- Não sei, senhor açougueiro, mas enquanto a troca não é

desfeita, vou trabalhar no seu lugar e o senhor no meu. Aquela ali é minha família, não mexa com minha mulher que eu não mexo com a sua.

- Seguranças! Tirem esse homem daqui, bradou o prefeito no corpo do açougueiro.

- Pare com essa mania de grandeza, homem. Quem chama os seguranças aqui sou eu. Mas antes, tome esses setecentos reais e prove que consegue viver com um salário mínimo durante um mês. Podem levá-lo, disse aos seguranças.

O verdadeiro prefeito é levado à força pelos seguranças. Levam-no até uma rua deserta e lhe enchem de pancadas, deixando-o desmaiado.

A mulher do açougueiro chega com seus quatro filhos e levam-no apoiado nos ombros.

Antônio seguiu com sua nova família para a casa do prefeito, escoltado pelos seus seguranças. Ele também não entendia como aquela troca havia acontecido, mas estava se divertindo muito mais que o prefeito na pele de um açougueiro.

No dia seguinte, o novo açougueiro acorda numa casa pequena, no bairro mais pobre da cidade, ao lado de uma mulher desconhecida e com um cachorro lambendo-lhe os pés.

- Saia daqui, cachorro fedorento!

- Que é isso homem? É o seu melhor amigo.
- Meu melhor amigo é meu dinheiro.
- Então você não tem amigo, responde sorrindo a mulher.
- Isso só pode ser um pesadelo. Não é possível.
- Hoje você amanheceu com um mau humor pior que o dos outros dias. Acho melhor você levantar-se logo para abastecer a casa para não se atrasar para o trabalho.
- O quê?
- A sua carona vai já chegar.
- Então, vamos ver como é a vida desse açougueiro. Pelo menos ele vai de carro para o trabalho, pensou o prefeito. Prepare o meu banho quente eu, já vou.
- Não tem nem banho gelado, quanto mais quente. Você sabe que estamos sem água há mais de um mês. Você tem que ir ao chafariz e encher todos os baldes da casa antes de ir trabalhar.

O prefeito considerou que aquilo só podia ser um castigo pelo o que tinha dito ao açougueiro. Talvez tudo voltasse ao normal depois de um dia na pele daquele trabalhador.

O prefeito carregou uns dez baldes de água, tomou café da manhã, que era só o café mesmo, e ficou sentado, exausto,

em um sofá furado, esperando a sua carona.

- Que moleza é essa? Você, uma hora dessas sentado no sofá? Brincou o amigo do açougueiro ao chegar à porta.

- Hoje ele está preguiçoso, seu Rufino. Acredita que hoje ele só trouxe dez baldes de água.

- É a idade!- entre risos- Vamos, meu amigo, venha comigo.

- Não posso ir com o senhor. Estou esperando minha carona.

- Pois sua carona de todos os dias sou eu, arrumou outro foi?

Decepcionado, o prefeito pega a mochila que a mulher do açougueiro arrumou e segue com Rufino até a parada de ônibus. Tenta falar o menos possível para não causar nenhuma desconfiança.

- Hoje vai chegar aquele carregamento de carne. É a sua vez de ser o lombador, porque eu já fui no carregamento passado.

- Não faço a mínima ideia do que seja isso, mas deve ser alguma coisa relacionada ao lombo do boi, uma parte muito gostosa do boi.

- Que nada. Você vai carregar o boi e eu vou desossar.

O prefeito pensou que aquilo era mais uma brincadeira de Rufino. Os dois entram no ônibus e seguem para o trabalho.

O ônibus estava lotado. O prefeito nunca sentira tanto o calor humano. Ele procurava ar para respirar e quase não encontrava. As pessoas passavam e lhe empurravam. Quando ele levantava o pé, perdia o lugar. Fechou os olhos, tentou abstrair e esquecer que estava dentro de um coletivo. Aquela via crucis demorou uma hora. Quando desceu sentiu-se aliviado.

- Graças a Deus. Nunca sofri tanto.

- Já sim. Esse ônibus é o vago. Agora é que vamos pegar o pior.

Eles ainda estavam no terminal de ônibus e pegaram uma fila para o próximo ônibus.

Quando chegou o coletivo, o falso açougueiro constatou que o anterior não estava lotado o suficiente. No segundo, ficou apertado debaixo da axila de outro homem, que pelo cheiro já tinha trabalhado e estava voltando, ambos imprensados na porta do meio. Por mais que fechasse os olhos para abstrair, foi inevitável não sentir-se dentro de um caminhão do lixo.

Termina a odisséia do percurso até o trabalho. Ao descer do ônibus, o prefeito ficou aliviado por poder acreditar novamente na lei da física que diz que dois corpos não

podem ocupar o mesmo lugar no espaço.

O prefeito estava curtindo o ar condicionado do açougue, quando chega o carregamento de carne que ele deveria carregar no ombro. Ele ficou horrorizado, mas não teve como fugir do trabalho. Os colegas de trabalho comentaram que nunca viram Antônio tão molenga. Onde já se viu levar mais de meia hora para carregar dois bois?

Colocaram Antônio no balcão de atendimento, já que naquele dia não estava indo muito bem nos trabalhos mais pesados. Mas isso não facilitou em nada a sua vida, porque este Antônio nunca havia pegado num facão. Logo no primeiro corte que tentou fazer, cortou o dedo, de tal modo que ficou pendurado.

Os açougueiros vieram lhe socorrer.

- Vai pegar uns vinte pontos. O chefe chegou e disse:

- Mais um de atestado. Assim eu quebro. Olhe, vá ao posto de saúde que tem próximo, pois aqui eu não pago plano de saúde.

Arrasado e se valendo em dor, foi para o posto de saúde. Chegando lá, teve que preencher um prontuário, medir a pressão e pediram que aguardasse o atendimento.

- Meu dedo está pendurado. Estou perdendo sangue e vocês me pedem para esperar?

- Olhe ao seu redor, veja que tem pessoas em situação pior que o senhor. Atenderemos a eles primeiramente, respondeu a atendente.

O prefeito viu pessoas idosas nos leitos espalhadas pelos corredores, um jovem esfaqueado, uma jovem com braço quebrado, crianças chorando e por todos os cantos havia pessoas tossindo e espirrando. A sua espera por atendimento, parecia não ter mais fim. Não havia mais macas nem leitos disponíveis para tantas emergências que chegavam a todo instante. Os doentes eram acomodados nas cadeiras pelas enfermeiras.

- O paciente do leito dezesseis não resistiu, disse uma enfermeira à outra.

- Pois leve essa senhora para lá e dê a medicação. Ela tem setenta e seis anos. É prioridade.

Ao ouvir aquilo, o prefeito se revoltou e num grito de desespero falou:

- Isso aqui está pior que o açougue onde eu trabalho. Eu quero falar com o diretor do hospital.

Correu pelos corredores e entrou numa sala que tinha escrito administração.

- Esse hospital está um verdadeiro caos. Isso é uma vergonha para o senhor que é o diretor. Como consegue ficar aqui, na sua sala, sabendo que lá fora tem gente morrendo?

- Sinto muito, senhor. O nosso prefeito não investe na saúde da nossa cidade. Não temos médicos suficientes nem estrutura para atender tanta gente. Eu já fiz o possível para que os governantes melhorassem nossa situação, mas eles só se importam com suas próprias vidas. Eu sou apenas o diretor. Diante da impossibilidade de fazer algo, eu fico aqui na minha sala para não ver a triste realidade lá fora.

- Eu só quero a minha vida de volta, respondeu o prefeito quase chorando.

- Mas venha cá, eu sou médico-cirurgião. No seu caso, são apenas vinte pontinhos. Eu posso fazer isso. Mas não diga para ninguém que foi eu quem fez, ou logo vai ter uma fila de gente na minha sala para eu atender.

Depois de ter o dedo costurado, o prefeito chamou um táxi e foi para sua nova casa. Ele pagou tranquilamente 70 reais pela corrida.

Chegando à casa do açougueiro, a mulher brigou por ele ter vindo de táxi.

- Que história é essa de táxi? Você não é nem rico.

- Eu cortei o dedo. Você não está vendo?

- Cortou o dedo, não os pés. Podia ter vindo de ônibus e esse dinheiro que você gastou serviria para outra coisa, o leite dos meninos, por exemplo.

- Tudo o que eu quero agora é descansar.

- Depois de pegar água para nós lá no chafariz, porque aquele pouquinho que você pegou não deu para quase nada.

- Não tem nem para tomar banho?

- Não, vai ter que ir pegar.

- E o meu dedo?

- Cortou o da outra mão também?

A mulher viu o açougueiro pegar o balde, chateado, e seguir em direção ao chafariz.

- Hoje você está muito estranho, pensou consigo a mulher.

No caminho de volta para casa, o prefeito foi abordado por dois homens que lhe pediram a carteira e o celular.

- Vocês não sabem com quem estão mexendo. Não façam isso.

- Que medo! Ironizou um deles. E com quem estamos mexendo?

- Eu sou o prefeito dessa cidade. Os meliantes sorriram.

- Não queira ser ele. Se você dissesse que é um policial ou um açougueiro causaria mais medo, o prefeito é um babaca. E se fosse verdade, você teria mais grana nesta carteira, olha isso... pouco mais de quinhentos reais.

- Mas, isso é tudo o que eu tenho.

- Isso aqui eu tiro em um dia. Por isso que eu roubo. Valeu, trouxa.

O prefeito pensou em jogar um balde de água nos ladrões, mas isso não resolveria as coisas. Aceitou a desgraça e foi para casa.

Chegando lá contou “à mulher” o ocorrido.

- Eu não acredito que você entregou nosso dinheiro de bandeja a esses ladrões meia-boca daqui. Você sempre reage e eles fogem com medo. O que está acontecendo com você? Eu quero meu marido de volta.

- E eu a minha mulher.

- E agora, como vamos fazer para pagar o aluguel, comprar comida, pagar passagem, comprar remédio e pagar as duas contas de luz que estão atrasadas?

- Não se preocupe que quando tudo voltar ao normal, eu assino um cheque e lhe dou. Agora acenda as luzes de casa que eu quero tomar um banho, para depois dormir e descansar, depois desse dia horrível.

- Cortaram a luz!

- Era só o que me faltava. E agora?

- Você faz aquele “gato” de sempre.

- Me desculpe... mas hoje eu não vou fazer aquele “gato” que só eu sei fazer. Eu estou cheio de tudo isso. Eu vou é dormir, seja aonde for, e não me acorde para ir àquele inferno de novo.

- Pois não me considere mais sua mulher. Amanhã mesmo arrumo um lugar para me mudar com os meus filhos. Não foi com esse mostro com quem me juntei.

A mulher entra na casa e acende umas velas. Deita com os filhos na sua cama de casal enquanto o prefeito faz algo que não fazia há anos:

- Pai nosso. Não sei o que aconteceu. Mas, se essa troca de identidade com um açougueiro foi um castigo, reconheço que estava errado quando disse que um salário mínimo dá para sustentar um trabalhador e sua família, reconheço que eu deveria ser um governante melhor, zelando pela qualidade de vida do nosso povo. Prometo que eu serei o melhor prefeito desse país. Irei investir em mais saúde, segurança, saneamento básico e qualidade de vida, em geral. Mas, para isso, eu preciso voltar para minha vida. Por favor, meu senhor, ouve a minha prece.

O falso açougueiro adormeceu no sofá quebrado da sala. No dia seguinte:

- Acorda meu amor, disse a mulher do prefeito.

O prefeito estava na sua casa, na sua cama e com sua mulher.

- Amor, é você? Senti tanto a sua falta. Obrigado meu Deus.

- Sentiu minha falta? Você está louco? Eu estava aqui o tempo todo.

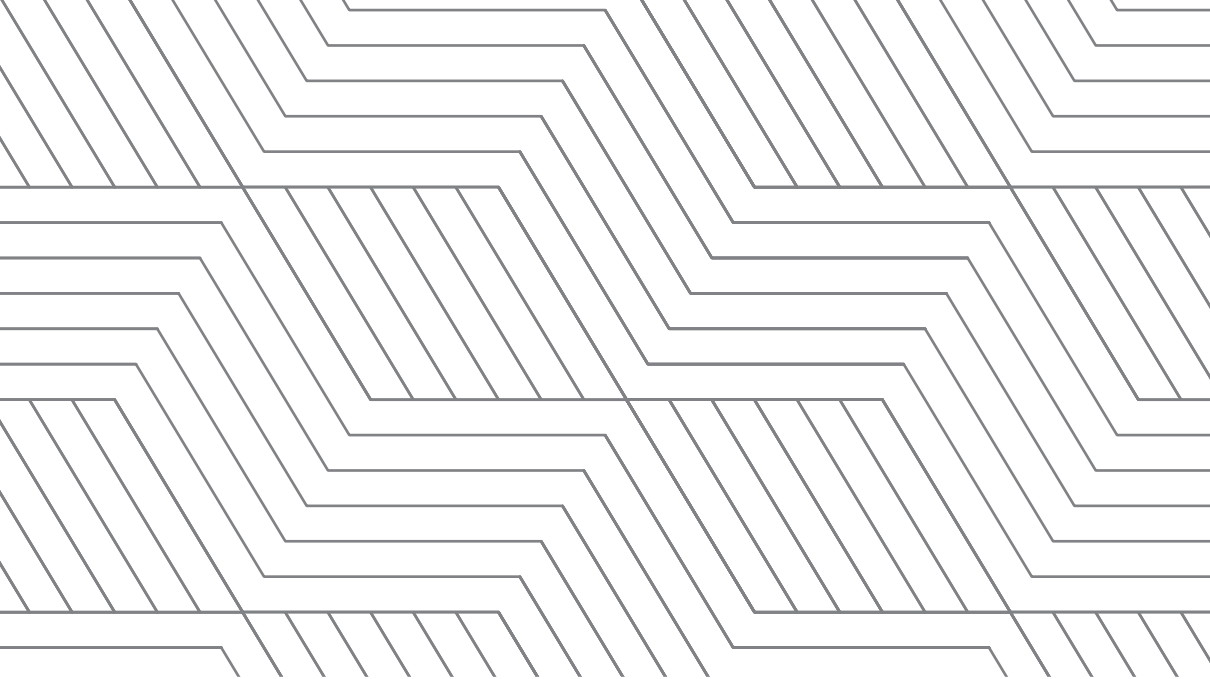
- Então foi apenas um sonho?

- Deve ter sido, meu amor.

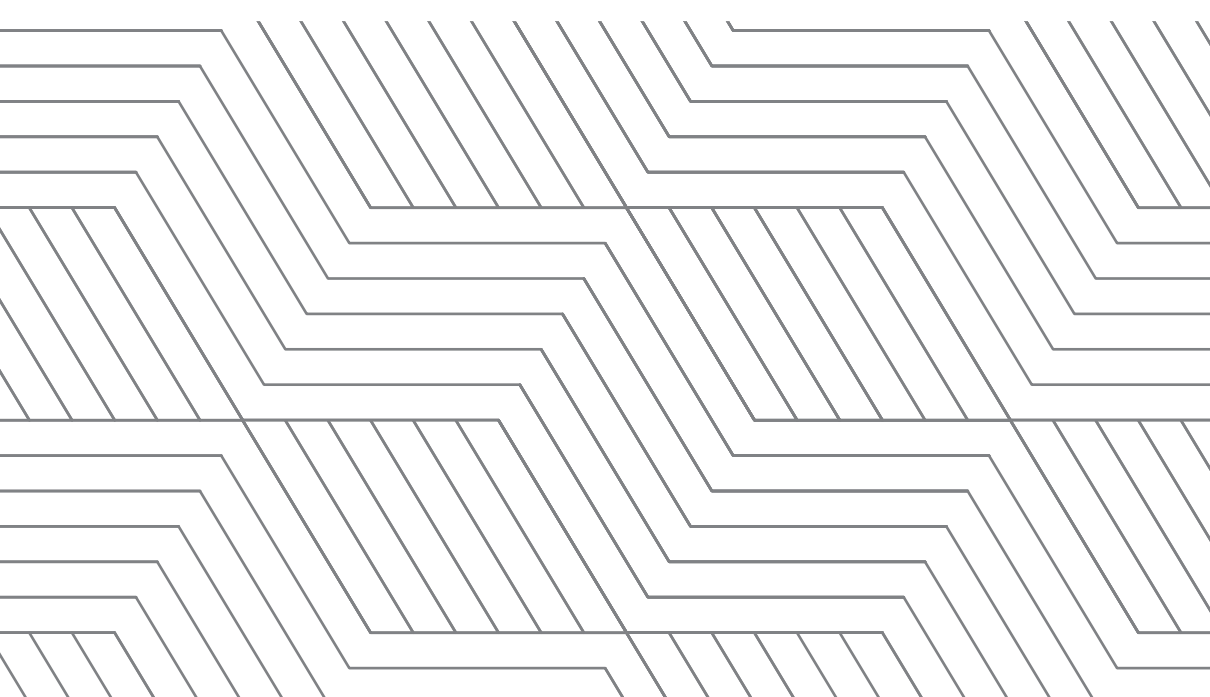
- Ainda bem. Mas, esse sonho serviu para eu aprender a valorizar o meu carro, a minha casa, a minha família. Serviu para eu não dar mais oportunidade a ninguém do povo, para eu ter mais cuidado com os bandidos e nunca mais passar nem perto de um hospital público. O melhor de tudo é que não vou precisar cumprir nenhuma das promessas que eu fiz.

- Claro que não, meu amor. Falando em sonho, vivi um sonho com você essa noite. Vamos brincar de novo de lombador? “Aonde a vaca vai o boi vai atrás, aonde a vaca vai o boi vai atrás”, saiu cantando a mulher.

Desgraçado! Bradou o prefeito em sua mansão, num grito tão alto que deu para ouvir até no bairro mais pobre da cidade.



Conto do fim



Todo dia é sempre igual, sempre a mesma rotina de acordar, me arrumar para o trabalho e arrumar as crianças para a escola. Ele vai para seu trabalho, e leva as crianças. Eu vou para o meu trabalho no meu carro, levando o mesmo vazio de sempre. Eu sei que tenho uma família linda, um marido maravilhoso, um emprego, uma casa, um carro, e todos os meus amigos reforçam que eu devo muito a Deus por tudo isso e deveria agradecer por tudo o que tenho. É verdade, obrigada Deus.

Ao acordar, é sempre aquela mesma vontade de morrer.

No trabalho, é sempre a mesma energia caótica de cada pessoa fazendo o seu trabalho enquanto atualizam suas redes sociais sobre o que estão fazendo. Mas, não pense que eu não me encaixei nesse novo normal. Na minha rede social tenho lá os meus 5k, meus fiéis amigos virtuais, com os quais eu compartilho minha rotina feliz. Tenho dúvida se continuariam fiéis se eu compartilhasse realmente o que penso sobre suas vidinhas medíocres e hipócritas, não muito diferentes da minha.

- Agora vai uma fotinha bonita do café. Legenda: “Inspiração e uma xícara de café: isso me basta”, peguei no Google e vai combinar com a foto. Postei, 20 curtidas em um minuto, viralizei no meu círculo de amigos. Agora, vamos falar a verdade...o café nem bebi, estava tão margo quanto... e a inspiração é zero. Não consigo ver beleza em nada o que me cerca. Mas eu preciso produzir, foi para isso que fui contratada.

É muito bom escrever, mas quando isso se torna uma obrigação, você perde todo o interesse, você passa a se sentir mal com aquilo que te fazia tão bem.

O jornal me pediu um texto sobre redes sociais, e isso não se faz, porque deixaram o tema muito aberto. Querem que eu diga o que eu penso, ou o que eu penso faria o jornal perder seguidores nas redes sociais, além de assinantes? Provavelmente querem uma opinião favorável ao uso das redes sociais. E é isso que torna o meu trabalho muito chato. Sinto-me uma hipócrita escrevendo artigos de opinião expressando opiniões que não são minhas.

Artigo feito e enviado para publicação. Uma das missões do dia foi cumprida. Agora falta só participar de uma reunião de alinhamento, elaborar algumas planilhas, almoçar, postar foto do almoço, descansar, postar foto do descanso, dar uma olhada nas notícias, tenho que estar sempre atualizada, fazer compras online de coisas fúteis tão necessárias à vida em sociedade.

- Amor, quando chegar, bota a roupa na máquina. Mensagem romântica do meu marido. Estou quase chegando, amor. Deixa só eu vencer esse trânsito por mais um dia.

Peguei as crianças, cheguei a casa, coloco a roupa na máquina, dou comida às crianças, vou à academia, faço minha foto no espelho e posto no stories: Tá pago.

Não aguento mais que vinte minutos naquele ambiente de

narcisos. Chega a ser engraçado ver a adoração que cada um tem pelo seu corpo, enquanto levantam seus pesos, admiram seus braços e suas pernas, enquanto os gordinhos disputam por um tempinho na esteira ergométrica.

Chego a casa, as crianças nem percebem, tão imersas que estão em seus jogos online e em suas dancinhas de aplicativos.

Ele a essa hora já chegou, jantou, e me recebe com um beijo carinhoso.- Sai, estou suada. Odeio quando ele inventa de me abraçar justo quando estou assim, e amo ao mesmo tempo, pois ele não liga para o quão suada eu estou. Isso é mais romântico que as mensagens que ele me manda.

Antes de dormir, tenho que fazer meu post noturno. Última vez que fiquei sem postar vieram no meu privado perguntar se eu estava presa ou com depressão. É claro que eu não estava presa.

Fotinha com coque, dedinhos fazendo v e a legenda: Gratidão! 30 curtidas num minuto. Esse povo não dorme.

Mais um dia. – Quero morrer! Começou tudo de novo. Banho, crianças, estrada, trabalho, café, chefe, cobranças, texto. – Meus Deus! O que escrever para publicar hoje? Começo a escrever esse texto para nunca ser publicado, não por mim, mais um dia se alguém achar essa pasta que intitulei de contos do fim gostaria que os publicasse, talvez terei deixado algo significativo para as pessoas, mesmo já tendo ido.



*VANESSA PINTO
RODRIGUES FARIAS*

***M**estra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC-CE). Graduada em Letras Português- Espanhol (UFC). Amante das letras, das artes e da natureza. Descobriu-se livre na literatura, cidadã na história e heroína na docência.*



CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

VANESSA PINTO

Fim da linha, fim da picada, fim de carreira, fim de mundo, fim da vida são expressões muito utilizadas em nossa sociedade, carregadas de um sentido ruim a respeito do fim. Diante de situações difíceis, costumamos pensar: é o fim! Mas o que é o fim? Será que o fim pode ser bom? Será que ele pode não ser o fim, mas o começo, ou o recomeço, ou somente o clímax decisivo para alguma história? Todos alinhavados pela perspectiva do fim, porém com enredos diferentes, os onze contos que compõem esta coletânea abordam de forma leve temáticas contemporâneas e que suscitam reflexão, como redes sociais, família e educação dos filhos, hipocrisia, ganância, velhice e abandono, violência urbana, desigualdade social, saúde física e mental, vida e morte, partindo ora do real, ora do fantástico, ora do suspense, ora do humor, ora do psicológico, com descrições de comportamentos humanos e sentimentos com os quais ora nos identificamos, ora rejeitamos, de modo que em algum momento esse livro pode causar incômodo, o que também pode não ser ruim, por isso, não desista, leia-o até o fim, ou será que ele não tem?

CONTOS DO FIM